

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA PRÉ-HISTÓRICA E INDÍGENA COMO REFERÊNCIA DENTRO DE UM PROCESSO INTEGRADO DE RESGATE CULTURAL.

*Maria Lúcia Franco Pardi**

RESUMO: Este artigo visa estimular trabalhos mais interdisciplinares e que geram conhecimento sobre o tema enfocando, a partir da constatação da exiguidade de abordagens conjuntas, sendo a maioria voltadas para a Arqueologia Histórica e ligadas ao aparelho público. Dá seu depoimento sobre a demanda existente da área através de exemplos vividos em três grupos indígenas: Bororo, Xavante e Bakairi. Cita outros autores que discutem a vivenda indígena, a função sócio-política da maloca, sua relação com os cosmos, a maloca como calendário solar, etc. Discute o potencial do trabalho conjunto e do campo da arqueologia pré-histórica brasileira. Legitima as relações citadas, através da visão de antropólogos, indicando como prioridade a Etnoarqueologia, que obteve os melhores resultados até o momento.

Consideramos bastante providencial o tema desta mesa-redonda, sobre arquitetura indígena, da pré-história aos dias atuais, entretanto, elaborar um ensaio sobre arquitetura pré-histórica brasileira, para debater, seguramente nos exigiria mais tempo do que nos foi dado. Mas, devido à demanda que percebemos na área e a liberdade de não sermos arquitetos, sentimo-nos à vontade para discorrer impunemente sobre questões que vivenciamos e observamos, atestando a importância da arquitetura como instrumento de trabalho integrado e relacionando-as ao nosso campo mais específico de atividades, a arqueologia.

A primeira referência ao tema, passa, sem dúvida alguma, pela obra já bastante divulgada *Habitacões Indígenas* organizada por Silvia Caybi Novaes (Nobel/Edusp 83).

* IBPC — Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (antiga SPHAN-FNPM).

Conhecemos ainda uma boa abordagem da *Arquitetura Nhambiquara* em trabalhos da arquiteta Maria Clara Migliácio¹.

Entretanto, desconhecemos exemplos de atuação conjunta de antropólogos, arquitetos e arqueólogos. Estes dois últimos, arqueólogos e arquitetos, começaram, há alguns anos, a atuar conjuntamente, na esfera, Arqueologia Histórica. Ainda assim, a atuação integrada se restringe ao aparelho público, em instituições como o IBPC (Casa da Fundação do Ouro de Goiás, Paço Imperial...) CONDEPHAAT (Ruínas do Abarebebê...) ou DPH/PMSP (Casa da Marquesa de Santos...) respectivamente, instâncias federal, estadual e municipal. O trabalho se restringe ao patrimônio edificado dos últimos séculos, não se tendo notícias de atuação em sítios pré-históricos ou etnoarqueológicos, sociedades de pequena escala em geral.

Quando nos referimos à existência da demanda que sentimos na área, *estamos nos reportando a três experiências que tivemos com grupos indígenas* que nos mostraram a importância da arquitetura neste processo.

Freqüentando esporadicamente a aldeia *Bororo* do Meruri-MT pudemos perceber que os mais jovens não tem muita preocupação ou conhecimento, sobre as questões referentes aos mais antigos (e sua respectiva genealogia). Os mais velhos por sua vez, os que detêm a memória, quando falam dos antigos, gesticulam mostrando no espaço, um local que se relaciona ao nome citado.

Este fato se dá devido à intervenção sofrida em 1935 ou 36 quando a Missão Salesiana substituiu as malocas tradicionais por casas de alvenaria, mudando inclusive o próprio formato circular da aldeia por uma formação em "L". No espaço central, onde ficava a Casa dos Homens, foi instalado um posto metereológico.

Basicamente, o espaço vazio apontado, correspondia ao local da antiga maloca daquela família, atesta o significado da distribuição espacial das aldeias de determinados grupos que funcionam como indicadores de genealogia, ou melhor, *referenciais concretos para manutenção de memória e identidade*. Assim como o conhecimento contido

1 Arquiteta do IBPC — 19^o SRII-MT — TGI-FAU-USP, 1981 e relatórios FAPESP I e II 81/82 (manuscrito).

nos nossos livros, ao serem destruídos, se diluem com o passar do tempo, a mudança de local físico das malocas já provocou perda de referência nas gerações mais jovens.

O segundo caso, serve de exemplo de uma intervenção mais recente ocorrida na aldeia Dom Bosco — Sangradouro (MT), com os *Xavantes*. Está sendo implantado pela Missão Salesiana, um projeto italiano, que substitui as ocas de palha por outras com paredes de alvenaria.

Basicamente se criou uma distinção entre parede e teto, um piso rígido, estruturas divisórias internas, janelas grandes e fixas. Alterando assim as características fundamentais, que influenciam em questões, desde a higiene ligando até os aspectos social e ambiental.

O formato tradicional apresentava-se em semi-círculo, mas atualmente observa-se um círculo completo. Este círculo, projetado maior do que as dimensões originais sugeriam, auxiliado pelo terreno acidentado, fez com que uma oca perdesse o acesso visual às outras do outro lado da aldeia, o que tem acarretado muitas queixas.

Outro motivo de grande insatisfação, relativo à construção das paredes é a alteração do hábito difundido, de se deitar longas horas em esteiras [eles não usam redes] abrindo pequenas aberturas na palha, para observação do movimento da aldeia.

Esta integração visual, obstruída também internamente pelas divisórias, não foi recuperada pelas janelas, não só devido à posição de observação diferente que é exigida para estarem voltadas para as laterais da casa. Novamente são os velhos os mais inconformados e os jovens os mais adaptados, [uma das malocas jovens tem até mezzanino de hóspedes].

A abertura das janelas, o grande aumento do tamanho da porta original e a alvenaria de forma geral, alteraram o microclima original do interior da maloca. O piso de cimento, altera e desestimula o uso das fogueiras internas, agravando o problema. Em suma, nas novas casas, o verão é mais quente e o frio, que chega a 5° C, é acentuado, isto se reflete na saúde dos índios com aumento de casos de resfriados, artrites e reumatismos.

Estes aspectos que acabamos de comentar, são os imediatamente percebidos pela comunidade, visto que o projeto é recente, impunha-se

a necessidade de procurar novas soluções, considerando a dificuldade de acesso às antigas matérias-primas — agora distantes e em terras particulares, do crescimento demográfico, do sedentarismo...

O terceiro caso é a experiência que mais nos marcou, foi um trabalho conjunto com os *Bakairí* da aldeia Pakueram, visando a idealização e construção do Museu Oficina Kuikare². Enquanto responsáveis pela representação da FNPM/SPHAN no Mato Grosso, realizamos uma vitória sobre edificação de estilo alemão, que estava sendo restaurada, à pedido dos próprios Bakairí, fato que muito nos intriga. O galpão era símbolo vivo da enorme repressão que haviam sofrido com o SPI (antiga FUNAI) ao implantar um posto indígena piloto.

Ao entrar em contato direto com a comunidade, compreendi que justamente era importante para eles não deixar que fosse perdida a lembrança do processo de violentação cultural que haviam sofrido e resistido, como etnia.

Tinham ainda enorme desejo de resgatar sua arquitetura tradicional, seus costumes e sua cultura material. Se tratava de uma questão emergencial, na medida em que as crianças questionavam a inexistência dos artefatos tradicionais, em detrimento da panela de ferro, sacola de plástico, etc... Havia dois anciões que ainda dominavam algumas técnicas antigas.

Face à dificuldade de se recuperar toda a aldeia, de aspecto e arquitetura nitidamente cabocla, sugerimos que restritos à essência do problema, se resgatasse inicialmente uma oca, que seria de uso coletivo e servisse de espaço para transmissão de conhecimento tradicional. Ao mesmo tempo, poderia ser criada uma entidade jurídica, que serviria de ligação com a sociedade nacional envolvente, no sentido de credencia-los junto aos organismos, inclusive oficiais, para apresentação de projetos que viabilizassem o processo integrado de resgate cultural, no qual estavam extra-oficialmente engajados. Da mesma forma, poderia constituir um grupo, que, profissionalmente se apresentasse em eventos, para divulgar a cultura Bakairí.

O projeto inicial foi aprovado pelo antigo Sistema Nacional de

2 Museu Oficina Kuikare — Processo Integrado de Resgate Cultural Bakairi — Fundação Nacional Pró-Memória/SPHAN-MinC, 1989.

Museus (SPHAN) e contou também com o apoio da FUNAI. A comunidade iniciou seu trabalho pela construção da oca ou maloca como chamam. A partir daí dedicaram-se a buscar suas fotos, fitas cassetes e artefatos, que estavam sob a guarda de alguns museus tradicionais e passaram a reaprender e ensinar as técnicas tradicionais, inaugurando um museu atípico, cuja tônica não é o acervo, mas as atividades, com o público-alvo basicamente composto pelos próprio Bakairí.

Aos poucos, recuperaram suas roupas de palha e máscaras para a dança do KAPA e outros costumes, que por serem retomados, auxiliaram até a fixar mais os jovens na aldeia, assim como está influenciando uma série de outros aspectos. Frequentemente temos notícias de suas atividades.

Nesse caso específico com segurança, podemos dizer que *foi a arquitetura, na materialização da maloca tradicional, que serviu de estímulo para o início da concretização deste processo*, latente por diversos anos. Certamente *o resgate de sua arquitetura original a maloca (o grande artefato) teve uma função primordial no processo de resgate e manutenção da memória e identidade étnica*.

Além desses testemunhos, conhecemos da *bibliografia* os trabalhos de Reichel Dolmatoff e Martin von Hildebrand, e antropólogos que atuam na Amazônia Colombiana e tem diversos artigos sobre a vivenda indígena, a função sócio-política da maloca, notas etnográficas sobre cosmos Ufaina e sua relação com a maloca, entre outros.

Nos dois primeiros trabalhos citados se descreve a construção de uma maloca pelo grupo que nela reside, sob a direção de seu dono ou chefe. É um tipo de vivenda de curta duração e que reflete o conhecimento e habilidade do grupo Ufaina em adaptar-se ao frágil e complexo ecossistema amazônico.

Apesar de serem consideradas como sociedades igualitárias, apenas determinadas pessoas reúnem as características para serem chefes de uma maloca, podendo construí-las. Isto implica em amenizar os conflitos sociais, administrar o uso dos recursos naturais e mediar a comunidade meio natural e sobrenatural.

Na atualidade a construção da maloca recorre à utilização de um mito, como guia mnemotécnico, para recordar as técnicas de construção, medidas, assim como para relembrar a dimensão cósmica de uma

estrutura que vai ser habitada, a cada vez, por diferentes grupos domésticos, apenas por uns dez anos.

Este período de dez anos corresponde aproximadamente à capacidade de suprimento fornecido pela exploração do ambiente por um grupo aproximado de 80 pessoas. Depois disto, os locais de cultivo devem ser deixado para a regeneração da floresta, e começa a escassear pesca e caça. Sua subsistência depende de manejo ordenado do meio natural, para evitar que se rompa o equilíbrio ecológico. Desta forma, a comunidade adstrita à maloca continua sempre sendo economicamente auto-suficiente.

A divisão de atividades, da maioria dos indígenas do Amazonas inclusive, se baseia conforme o sexo; ali a comunidade trabalha, dorme, medita, come, analisa o cosmos, ensina a tradição, morre e é enterrada. Desta forma a divisão espacial da maloca, espelha estas funções, apesar de não existir nenhuma divisão interna física, (como paredes ou quartos) uma série de divisões simbólicas são reconhecidas, dando base à utilização do espaço.

O centro é a área sagrada, circundada por 2 círculos concêntricos que são de uso comunitário, como área ritual principal e secundária, sendo o restante, espaço doméstico. O acesso e uso destes locais também é subdividido e pré-determinado. A área sagrada é restrita aos homens, assim como a parte dianteira, voltada para o oriente, a oeste; a parte de trás é de uso feminino, existem também espaços flexíveis etc...

A maloca se divide ainda por especializações, responsabilidades sócio-políticas e alianças. Esta última separação de espaço reforça a função da *maloca como calendário solar*. O solstício de dezembro por exemplo é uma época considerada feminina (quando os raios solares iluminam o lado feminino, é período de cultivar).

A observação do movimento do sol, visto em seu percurso invertido, no interior da maloca, associado aos ritmos sazonais da selva, o regime de chuvas, o nível do rio, fornece informações para a organização adequada das atividades do grupo. *A maloca funciona como uma máquina do tempo, teoria e prática do calendário. Ela é usada ainda como relógio solar ou seja, um instrumento para observar o passar do tempo e segmenta-lo de forma sistemática e predizível.*

Por fim, o grupo relaciona ainda seu complexo modelo cósmico

(cone espiral com três plataformas circulares superpostas, representando diversos estágios do caminho do pensamento) com os elementos arquitetônicos da maloca “Paralos Ufaina construir una maloca, és crear un modelo del cosmos que les permita relacionar-se en forma inteligible con el tiempo y el espacio definidos por su cultura”.

As estruturas do teto simbolizam os céus, o ápice do cone cósmico onde estão os quatro heróis imortais petrificados (as quatro vigas mestras). Sua projeção sobre o solo (desocupado de artefatos) que delimita o espaço sagrado, de onde se controla a energia vital e se está protegido de todos os males, inclusive do *mito que lhes amedronta, sobre a perda de sua cultura*. Há ainda uma relação entre proteção e sombras que se projetam através do teto e das clarabóias.

O modelo é por demais detalhado para ser alvo de um breve resumo, apenas citamos alguns aspectos para se sentir o nível de sofisticação e complexidade da questão.

Como exemplo de atuação brasileira referente a este tipo de preocupação sobre a interpretação simbólica do espaço, conhecemos apenas os estudos de Campos sobre o caso *Kaiapó*. Estes, ao chegarem em uma aldeia desconhecida, identificam o local da maloca de sua família, através da orientação da trave da Casa dos Guerreiros (com pessoal). Existe também a publicação de Campos & Franchetto — “*Kuikuro*”: *integração céu e terra na economia e no ritual*. (1)

Essas abordagens, entretanto, embora pioneiras são incipientes em relação à demanda latente. Em verdade, sinto que sua grande função é de abrir caminhos para a observação e sobretudo avaliar o conhecimento de aspectos da problemática a ser resgatada. A complexidade dos trabalhos citados, nos remetem à limitação dos trabalhos de arqueologia, sobretudo os de alguns anos atrás, que se restringem a uma superespecializada análise de alguns traços da cultura material dos grupos pré-históricos. Remete-nos ainda ao imenso potencial que a arquitetura, sensibilizada para essas questões, teria, ao se associar mais intimamente a outras ciências como a arqueologia, antropologia, geomorfologia, astronomia, etc...

A busca pelo conforto pela beleza plástica, em seus mais diversos padrões, pode ser nitidamente percebida, desde a pré-história, como no caso de Serranópolis (2) por exemplo uma região com grande nú-

meros de abrigos, grutas e cavernas, onde se constatou ocupação humana naqueles que estavam voltados para leste e que reuniam condições de habitabilidade (humidade, insolação, ventilação, facilidade de acesso, proximidade a água demais recursos alimentares, domínio visual para fins de defesa, etc.).

Muitos dos sítios arqueológicos de Serranópolis foram ocupados simultaneamente, através de vários períodos cronológicos como demonstra por exemplo o GO-JA-01. Este sítio, em 40 m² de escavação, continha 90 kilos de restos ósseos e malacológicos e 100.000 restos líticos, vestígios que, associados a outros, sugerem uma expressiva densidade populacional. No Brasil existem diversos centros semelhantes como que atestando a existência de verdadeiros *conjuntos habitacionais pré-históricos*.

Sem excessão, todos os locais habitados continham pinturas rupestres, como que expressando *uma necessidade de "decoração", "individualização" e "humanização"* ou qualquer outro motivo. Mas, por mais forte que fosse o condicionamento geográfico, que atuasse sobre as opções de assentamento humano, a atividade cultural conseguiu transformar o meio, marcar o espaço de concentração das populações, e registrar com símbolos, aspectos da história do grupo.

Uma boa abordagem, superficial mas abrangente, nos é dada por Prous (3) em obra recente, de síntese sobre a arqueologia brasileira. Discorre brevemente sobre a escolha da moradia, as matérias-primas das culturas pré-artesais etc...

Esta síntese nos mostra, pela *escassez de dados* o quão incipiente está no Brasil a construção de conhecimento ou mesmo a recuperação sobre habitação e apropriação do espaço por grupos pré-históricos, em amplo aspecto. Questiona-se mesmo o fato de nunca ter sentido uma preocupação sobre o tema ou se efetivamente as equipes nacionais conseguem reunir condições e apoio para abordagens mais abrangentes. É um tema a ser explorado.

É fato que na Europa, em que se pese as diferenças de contexto, este tipo de abordagem é comum. Reconstruções arquitetônicas de habitações pré-históricas causam grande efeito junto à pessoas, como pode ser observado no Museu Terra Amata, o modelo de cabana Acheuleana que foi pesquisada dentro da Grota de Lazaret (França).

Outros exemplos também são difundidos pela literatura (4), como a primeira tenda Magdaleniana de Pincevent ou de Plateau Parain, ou ainda a tenda do sítio siberiano de Malta e a tenda dupla dos caçadores hamburgianos de Boneck (Alemanha), cabana munsteriana de Maladova (Ucrânia), cabana redonda Pavloviana e diversas outras...

No Brasil, nos remetemos ainda, ao pouco que sabemos sobre as casas-poço ou casas subterrâneas do planalto meridional, as galerias de Santa Catarina, os cerritos do Grande do Sul, etc... Estes cerritos por exemplo, com certeza também são uma *grande obra de engenharia*, assim como os aterros do pantanal e demonstram inclusive um conhecimento profundo para adaptação a estes complexos sistemas ambientais.

Se, à semelhança de alguns fazendeiros não-pantaneiros, estes grupos tivessem feito diques, ou agrupamentos e estruturas que assim funcionassem, eles teriam alterado todo o regime hídrico da região. Existe uma inclinação aproximada de 1cm a cada km, que é o suficiente para inviabilizar a ocupação das terras mais baixas. Há uma grande densidade de sítios na área (visitamos algumas fazendas com mais de 40 aterros), que aumenta conforme a declividade. Devido a este fato, pensamos se sua forma, tamanho e implantação no relevo, não seria esta também, *uma questão de proto-urbanismo?*

Sempre que passamos por algum belo exemplar da arquitetura moderna, nos lembramos do contraste como os primeiros assentamentos e a admiração se inverte, ao vermos conjuntos habitacionais contemporâneos e favelas, nos recordando que no tempo dos "primitivos", (como o leigo sempre se refere) a maioria da comunidade tinha acesso à satisfação de suas necessidades básicas. Atualmente, o condicionamento econômico, faz com que a grande maioria da população não tenha formas de alterar o meio e veja seguidamente se degradar, seu conceito de beleza plástica, conforto e espaço vital...

Os antropólogos, preocupados com a organização social, têm pesquisado através das formas de apropriação do espaço habitado, e detectaram de forma geral, *a íntima relação da estrutura da aldeia com a própria concepção de identidade* (Novaes, p. 3-8). Cristina Sá, arquiteta e arqueóloga, observa em suas pesquisas (5) que "... a organização do espaço se evidencia como muito mais resistente à mudança do que a

forma ou a tecnologia construtiva, quer se trate do espaço da unidade de habitação ou do conjunto de habitações...". e conclui que Além disso, parece bastante provável que a organização do espaço seja não somente reprodução simbólica, mas também um agente ativo, capaz de agir sobre cada um desses todos culturais, modificando-o ou revitalizando-o atuando como referência de comportamento e constituindo-se em sistema simbólico não verbal de informação. (p. 143).

Neste sentido, os melhores resultados que temos na arqueologia Brasileira no nosso entender, estão ligados à Etnoarqueologia, onde Wust, no trabalho acurado de sua tese de doutorado (6) conseguiu resgatar a organização espacial de 12 aldeias. São plantas de formato anelar com tamanho e disposição original das malocas, incluindo a ocupação central, outras estruturas, com diferenças de atividades específicas e indicações de organização sócio-econômica.

Assim, pensamos que *a parte que toca a nós arqueólogos*, nesta questão de arquitetura pré-histórica e indígena brasileira, *seria a de reavaliar a temática a nível da produção e da demanda nacional e sobretudo, seria a de lutar pela execução de trabalhos cada vez mais interdisciplinares e integrados, direcionados à Etnoarqueologia de salvamento*. Esta, realizada de forma mais intensiva, não visando apenas os grupos mais conhecidos, mas principalmente os de contato recente. Com certeza, esta prioridade é preferível ao conhecimento produzido sobre registros fragmentários ou apenas parcialmente apreendidos e pesquisados. Desta forma, teríamos melhores condições de relacionar os grupos históricos aos pré-históricos e elaborar modelos que tentariam resgatar realidades culturais mais complexas e sistêmicas.

ABSTRACT: *The importance of pre-history and indigenous architecture as reference within an integrated process of cultural rescue. — This paper aims to stimulate more interdisciplinary works, which could bring about knowledge on this matter, since its know, most of them are about "Historic Archaeology" and connected to public institutions. At first, it gives a report about the needs in the area through real examples experienced in three different indigenous groups: Bororo, Xavante and Bakairi. Secondly it mentions other writers who discuss the indigenous house and the social political function of the "maloca", its relationship*

PARDI, M. L. F. A importância da arquitetura pré-histórica e indígena como referência dentro de um processo integrado de resgate cultural. *Revista de Arqueologia*. São Paulo, 7:87-97 1993.

with the cosmos and the “maloca” as a solar calendar and so on. Finally it shows the potencial of group work in the pre-historical Brazilian Archaeology. It legitimates the relations above through an antropological point of view, indicating as priority the Etnoarchaeology which has been giving the best results up to now.

Notas Bibliográficas

1. Etnoastrônomos americanos — Universidad Nacional de Colombia — Editores de Grace e Heigel, 1987.
2. *Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. — Serranópolis I. Pesquisas* — (p. 18, 19 e 137) — Antropologia nº 44 — 1989.
3. André Prous. *Arqueologia Brasileira*. Ed. UnB. 1992.
4. *The Pictorial Encyclopedia of the Evolution of Man* J. Jelinek. Hamlynn. p. 211-274, 1975.
5. “Observações sobre a Habitação em Três Grupos Indígenas Brasileiros”. *Habitacões Indígenas*. 1983.
6. “*Continuidade e Mudança* — Para uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, MT”. Irmihild Wust, São Paulo-Goiás, 1990.